

Dossiê: Antropologia e Fotografia: experimentações e etnografias



A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública desde uma Antropologia Visual da Saúde

Experienced Covid-19: illness and public
experience from a Visual Anthropology of
Health

Covid-19 vivido: enfermedad y experiencia
pública desde una Antropología Visual de la
Salud

Geissy Reis
Universidade Federal da Paraíba

geissykreis@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-0198-1555>

Ruanna Gonçalves

Universidade Federal de Pernambuco
ruannagoncalves@gmail.com – <https://orcid.org/0009-0007-3472-1147>

Apresentação

Durante o ano de 2021, desenvolvi¹ junto com Ruanna e outras três interlocutoras, no âmbito do mestrado em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), uma pesquisa orientada à compreensão de experiências de adoecimento por Covid-19, vivenciadas por mulheres domiciliadas na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba/Brasil. Busquei compreender o modo como o adoecimento por Covid-19 é experienciado, significado e refletido por mulheres, desde suas narrativas, com aporte da Antropologia da Saúde e Antropologia Visual. No contexto dessa pesquisa, centrada no adoecimento e na vida em meio à pandemia, foi elaborado um conjunto de imagens. O enfoque da citada pesquisa, e logo deste ensaio fotográfico, remete à Covid-19 vivenciada e também a uma experiência pública em torno da Covid-19.

Temática das mais importantes na Antropologia e Sociologia da Saúde (ALVES; RABELO, 1999), a “experiência da doença”, refere-se aos “meios pelos quais os indivíduos e grupos sociais respondem a um dado episódio de doença” (ALVES, 1993, p. 263) e, portanto, se coloca de maneira crítica ao modelo biomédico, cujo saber e prática operam de modo “fundamentalmente biológico” (LAPLANTINE, 2010). De acordo com a Jean Langdon, “a doença é um processo experiencial” (LANGDON, 2001, p. 241). Inserida nessa temática, opto por utilizar “experiências de adoecimento” por Covid-19, ao invés de experiências da doença ou experiências do adoecer, numa adequação ao seu caráter processual, que engendrou e segue engendrando novas relações e formas de ser e estar no mundo, cuja temporalidade precisa ser reconhecida.

É com Ruanna que elaboro conjuntamente este ensaio. Em sua condição de experiente (ANDRADE; MALUF, 2017) e coautora, Ruanna narra suas próprias experiências de adoecimento, comigo dialogadas numa narrativa verbal, noção (a de narrativa) aqui manejada a partir do conceito de *emplotment*, de Cheryl Mattingly (1994). E na medida em que determinadas dimensões dessas mesmas experiências, somadas e emaranhadas (INGOLD, 2012) à experiência pública, passam a existir também como relatos visuais, elaborados como fotografias, podem ser vistas, e não apenas ouvidas ou lidas, e assim, podem vir a aportar o que a experiência guarda de indizível. É de experiências pandêmicas que buscamos produzir imagens, e com isso elaborá-las

¹ Esse texto é parte de um dos capítulos da minha dissertação de mestrado, com orientação e co-orientação de Mônica Franch e João Martinho Braga de Mendonça respectivamente, reformulado para esta publicação - com inserções importantes. Por isso é escrito na primeira pessoa do singular, é desse modo que optei por escrever a maior parte da dissertação. Os trechos na primeira pessoa do singular referem-se à Geissy, nos trechos na terceira pessoa do plural, escrevem Geissy e Ruanna, os trechos que se referem às elaborações de Ruanna, estão assim discriminados no texto.

imageticamente, num exercício também de registrar seus rastros. Sem, no entanto, nutrir a pretensão de “registro da realidade”, muito menos, de fruir por uma episteme de objetividade universalizante. Trata-se sim, da construção de imagens que assumem minha própria afetação (FAVRET-SAADA, 2005) e também a de Ruanna, as experiências vividas no marco da Covid-19, e a própria condição situada e corporificada do conhecimento (HARAWAY, 1995).

As imagens produzidas no âmbito e em alinhamento com a citada pesquisa de mestrado, foram elaboradas num entre-lugar em que se encontraram a Antropologia Visual, a Antropologia da Saúde e a Arte, que tenho pensado atualmente como uma Antropologia Visual da Saúde, do Corpo e da Doença, ou apenas Antropologia Visual da Saúde. Até então, no meu fazer antropologia, esse entre-lugar, ou um espaço de fronteira entre uma antropologia e outra, a que me refiro agora por *Antropologia Visual da Saúde*, se propõe abarcar produções/reflexões antropológicas que se debruçam sobre questões relativas à imagem, ao corpo e a processos de adoecimento e saúde.

Importante destacar que inúmeras pesquisas antropológicas, na intersecção entre corpo, saúde, adoecimento e imagem já foram e vêm sendo elaboradas, com destaque para Christos Lynteris (2020) em sua análise da relação guardada entre fotografia e pandemias. Entre outras contribuições, o autor analisa a extensa cobertura e distribuição em escala global de fotografias epidêmicas, referentes à terceira onda de peste bubônica no século XIX, como responsáveis por dar um novo tom à palavra “pandemia”, que, até então, habitava apenas os dicionários de medicina “para uma palavra usada e uma condição vivenciada na vida cotidiana” (LYNTERIS, 2020, p. 6).

Marcada a continuidade, importante dizer que é próprio deste trabalho, não a análise de imagens já produzidas, e sim a criação de novas imagens pandêmicas, que podem ser, elas próprias, recursos terapêuticos no processo de elaborar o adoecimento de Covid-19 para quem o experiencia, ao mesmo tempo em que permitem tanto aportar dimensões indizíveis desse processo, como ampliar as linguagens em que temos acesso à experiência do adoecimento.

Dito isso, não se trata aqui de uma proposta epistemológica inaugural, no sentido de que não são inéditas investigações e produções na esteira dessa intersecção, se não, de lançar a possibilidade de uma *Antropologia Visual da Saúde*, de fazer do diálogo entre antropologias (da saúde e visual), um campo antropológico em si. Neste campo emergente, o encontro das citadas antropologias, com a Arte, pode ou não vir a ocorrer. Nesse sentido, acredito que tal encontro se daria no flerte com o *modus operandi* da própria arte,

no que guarda de discussões conceituais, modos de fazer, percepções e interpretações do mundo, entre outros.

Neste ensaio, acessamos a fotografia, de estilos expandido e fotoperformático, como capturas artísticas e experimentais de experiências desse tempo histórico, a partir do registro de rastros da pandemia. As imagens remetem às experiências de adoecimento, com emoções vividas por Ruanna no curso de sua vivência com a Covid-19, e também a aspectos do contexto sociocultural brasileiro. Imagens estas que não se pretendem documentais em estilo, mas que se assumem como “construções imaginárias”, nos termos do José de Souza Martins (2008). Ensaio este, como uma “forma que pensa, e isto, independente do autor da foto, independente do seu receptor” (SAMAIN, 2001, p. 123), como uma janela para o mundo, visto que “não há nenhuma fotografia não mediada” (HARAWAY, 1995, p. 22), como uma experimentação estética, não-documental, mas indiciária, que tal qual toda imagem fotográfica, aporta vestígios da realidade, como argumenta Philippe Dubois (1994).

Às 17 horas do dia 13 de junho de 2021, em um domingo, chego a um dos coretos da Universidade Federal da Paraíba, conhecido como Capelinha, para encontrar Ruanna, que tinha acabado de chegar de moto. Marcamos nosso encontro ali, por ser um local que Ruanna já vinha frequentando para se exercitar, por ser um lugar aberto e com pouca circulação de pessoas. Nos cumprimentamos de longe, ambas com máscara de proteção facial PFF2 e álcool em gel à mão, conversamos um pouquinho sobre como estávamos, sem que necessariamente falássemos a respeito, a gestão do risco de infecção era uma constante, em momento nenhum nos abraçamos, o cumprimento e a despedida foram feitos sem toque. Antes de começarmos a fotografar, li o roteiro semiestruturado de fotografias que tinha elaborado. À medida em que fotografávamos², víamos juntas, de tempos em tempos, as fotos no visor da câmera, e refletíamos os rumos do ensaio, metodologia desenvolvida por Geissy em 2018 (OLIVEIRA, 2018).

A feitura desse tipo de roteiro é algo inédito para nós, desenvolvido como estratégia metodológica desde o atravessamento da Covid-19 em todas as dimensões da vida, e por isso, no fazer antropologia. Dinâmicas de pesquisa, em contexto de emergência sanitária, elaboradas em razão da relação de complementaridade guardada entre riscos e ética em pesquisa, e nessa empreitada, a mais nova questão ética girava em torno do risco de infecção pelo SARS-CoV-2, com a qual lidamos com um manejo conjunto do risco.

² Ensaio clicado com uma câmera digital Canon EOS REBEL T5, lente 18-55. Algumas das fotografias passaram por edição de luz e cor no *Adobe Photoshop Lightroom*, software de edição de imagens.

Primeiro li e ouvi as experiências de Ruanna, narradas via *WhatsApp*, para em seguida formular o roteiro semiestruturado de fotografias a serem produzidas, enviado na sequência para Ruanna, também via *WhatsApp*, e lido momentos antes do ensaio fotográfico. Portanto, as fotografias partem da escuta, da narrativa experiencial. Foi Ruanna quem demandou que eu trouxesse sugestões para a elaboração das fotografias. Mesmo na presença, seguíamos (e seguimos) em contexto de pandemia, o que demandou um fazer campo outro, e também um fotografar outro. Este roteiro semiestruturado emerge desse contexto, na intenção de reduzir o tempo do ensaio fotográfico e, logo, o tempo do encontro, quando medidas de distanciamento físico eram incentivadas como medida preventiva ao novo coronavírus.

Por fim, propomos que este ensaio, possa ser percebido como algo que está simbolizando, que está exprimindo a nossa percepção, a de Geissy, uma fotógrafa e antropóloga, e a de Ruanna, antropóloga e artista, sobre sua experiência de adoecimento, sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil, sobre aspectos do mundo, num fazer experimental que exprime o exercício de manejar símbolos e imagens, que exprime a liberdade de nós, produtoras destas imagens, apostando contra a objetividade universalizante num fazer situado (HARAWAY, 1995). No Brasil da morte por Covid-19, e de boicote às ciências humanas, como políticas de Estado no contexto do bolsonarismo (MALUF, 2021), fazer pesquisa antropológica sobre experiências de adoecimento de mulheres pela Covid-19 diz ainda de um fazer político. Também o caráter artístico, de fotoperformance e experimentação do ensaio fotográfico, vêm falar *artepoliticamente* da experiência de Ruanna, do contexto sociocultural, e do imaginário em torno da experiência coletiva de adoecer por Covid-19 e vivenciar uma pandemia. Fala politicamente também, porque performa a catástrofe, o horror de passar sozinha pelo adoecimento por Covid-19, caracterizada por Ruanna como uma “doença solitária”, e do número extremamente alto de pessoas mortas pela Covid-19, num cenário de desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS).



1. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



2. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



3. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



4. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



5. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



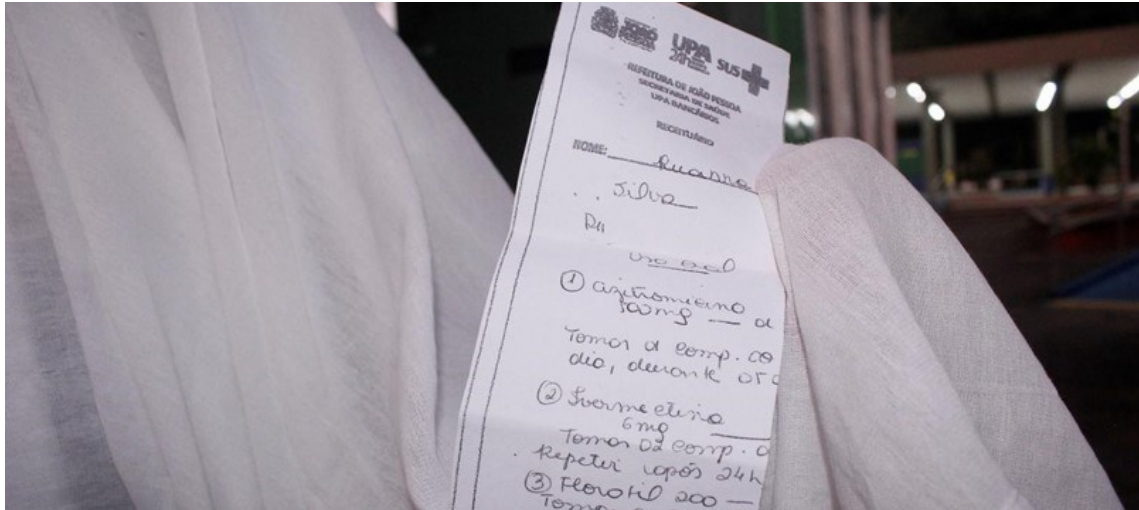
6. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



7. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).



8. Sem título - da série: A Covid-19 experienciada: adoecimento e experiência pública.

Foto: Geissy Reis; Mulher fotografada: Ruanna Gonçalves (06/2021).

Referências

ALVES, Paulo. A experiência da enfermidade: considerações teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 263–271, 1993.

ALVES, Paulo César A.; RABELO, Miriam Cristina M. Significação e metáforas na experiência da enfermidade. In: RABELO, Miriam Cristina M.; ALVES, Paulo César.; SOUZA, Iara Maria A. *Experiência de doença e narrativa*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999. p. 171–186.

ANDRADE, Ana Paula Müller de; MALUF, Sônia Weidner. Loucos/as, pacientes, usuários/as, experientes: o estatuto dos sujeitos no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. *Saúde em debate*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 112, p. 273–284, 2017.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus, 1994.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13, p. 155-161, 2005.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 7–41, 1995.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 37, n. 18, p. 25–44, 2012.

LANGDON, Esther Jean. A doença como experiência: o papel da narrativa na construção sociocultural da doença. *Etnográfica*, Lisboa, v. 5, n. 2, p. 241–260, 2001.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LYNTERIS, Christos. *How photography has shaped our experience of pandemics*. 2020. Disponível em: <https://www.apollo-magazine.com/photography-pandemics/>. Acesso em: 21 set. 2021.

MALUF, Sônia Weidner. Janelas sobre a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistências. *Revista TOMO*, São Cristóvão, n. 38, p. 251-285, 2021.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTINGLY, Cheryl. The concept of therapeutic “emplotment”. *Social Science & Medicine*, v. 38, n. 6, p. 811–822, 1994.

OLIVEIRA, Geissy Reis Ferreira de. Desacimentar. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 1, v. 17, p. 212–218, 2018.

SAMAIN, Étienne. Quando a fotografia (já) fazia os antropólogos sonharem: o jornal *La Lumière* (1851–1860). *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 89–126, 2001.

Financiamento

Pesquisa financiada no ano um pela CAPES e no ano dois pela rede de pesquisa Antropo-Covid, no âmbito do projeto de pesquisa: “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”.

Recebido em 31 de dezembro de 2022

Aceito em 02 de maio de 2023